

QUINTA-FEIRA / 21 DE MAIO / 2020 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**"PRECISAMOS DE
DESCOBRIR QUE O MUNDO
É MAIOR QUE O NOSSO
UMBIGO"**

MANUEL PINTO

PROFESSOR CATEDRÁTICO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO MINHO

P. 04-05

BREVES

“Nada existe por acaso”, diz o Papa Francisco

O Papa apresentou esta quarta no Vaticano uma reflexão sobre a vida humana e a natureza, afirmando que “nada existe por acaso”.

“A criação não é fruto de um acaso cego, mas de um plano amoroso que Deus tem para os seus filhos”, referiu Francisco, durante a audiência geral que decorreu na biblioteca do Palácio Apostólico, com transmissão online.

Prosseguindo o ciclo de reflexões sobre a oração, o pontífice abordou o “mistério da criação” que leva à “contemplação de Deus”.

“O ser humano percebe a sua pequenez, mas também o lugar especial que ocupa”, observou, destacando a “dignidade surpreendente” que surge da “relação filial” de cada pessoa com Deus.



Cáritas: Semana Laudato Si é um “compromisso renovado” para ouvir o “clamor dos pobres e da terra”

O presidente da Confederação Internacional da Cáritas associou-se à celebração da Semana Laudato Si. “Nalgumas partes do mundo, os bebés nascem, as crianças crescem e os adultos enfrentam o fim das suas vidas vivendo e trabalhando no lixo venenoso, criado e descartado por outros. Noutras partes, as pessoas vivem na corda bamba entre inundações e secas e graves injustiças. Nesses lugares, a vida é lentamente estrangulada desde o início”, explica D. Luis Antonio Tagle.

Numa mensagem para a ‘Semana Laudato Si’, que termina no próximo domingo, o presidente da ‘Caritas Internationalis’ acrescenta que “este não é o projecto de Deus para a humanidade e para a Terra”.

“Quanto mais rápida é a vida, mais consumimos, mais desperdiçamos e movemo-nos mais longe de Deus e dos pobres. Com esse consumo excessivo, surge um peso – não apenas físico, mas também espiritual. Reunimos tantas coisas nas nossas cabeças e vidas que mais um pensamento, facto ou responsabilidade nos leva à letargia”, acrescenta.

O Papa Francisco convidou os católicos a celebrar Semana ‘Laudato Si’ – 16 a 26 de maio -, assinalando o quinto aniversário da sua encíclica ecológica e social e D. Luis Antonio Tagle lembra que, nesse documento, o pontífice estabelece o caminho para uma “conversão ecológica” global e, neste contexto, convida “toda a família Cáritas” para a visão estratégica ‘Uma família humana, cuidando da criação’.

OPINIÃO

Quando o mundo geme



CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Acabo de receber a campanha do Banco Alimentar para este Maio. Simples, directa como um murro no estômago: um copo de água, um prato vazio e a mensagem “Se uma rua vazia impressiona, imagine um prato vazio, todos os dias”. Esta é a realidade dos nossos dias e de muitas famílias: pratos vazios, estômagos a pedir alimentos, frigoríficos sem nada, crianças a dizerem que têm fome, pais a terem de responder “já comeram que chegue”, bem sabendo que é mentira mas que é preciso enganar a fome (e suavizar a culpa por não conseguirem alimentar a família). A fome é uma constante em muitas casas. As transacções comerciais internacionais quase desapareceram, as encomendas baixaram a níveis assustadores, as empresas encerraram portas, sem saber quando e se retomam a actividade profissional. Várias realidades viram-se assaltadas pelo desemprego e pela falta de rendimentos,

desde operários, dentistas, donos de espaços de diversão, artistas, etc, etc, etc. A sobrevivência, mais do que nunca, depende da solidariedade e dos bons costumes de entreatajuda dos portugueses.

Se o mundo parece gemer de fome, cabe ao continente composto pelas artes e pela cultura, pelas graves e severas privações que têm sofrido, estar entre os que lideram a marcha e grito de socorro. O mundo precisa de poesia, de música, de dança, de pintura e de teatro. O mundo precisa de enriquecer a alma, do conhecimento, do sonho e da ousadia de quem voa, de quem sonha e nos faz sonhar. O mundo precisa da arte e dos artistas para ganhar em sensibilidade, para ser mundo com gente sonhadora. Mas, em tempos de pandemia e confinamento, os concertos ao vivo foram, inevitavelmente, cancelados, os espectáculos foram suspensos, os diversos trabalhos agendados foram adiados *sine die*, e são hoje são tantas as vidas que lutam pela sobrevivência, sem trabalho e sem saberem quando voltam a trabalhar. Pessoas com rendimentos, muitos deles, já baixos e incertos, especialmente num país como Portugal, vêem agora os rendimentos reduzidos a zero. Se as salas de espectáculos estão encerradas, de que vive o actor, o cantor, o comediante, o encenador? À excepção, quiçá, dos grandes nomes do panorama artístico nacional, e da rádio

e da televisão, de que vivem os nossos protagonistas do mundo das artes? Quem lhes paga a luz, a água, a renda e a internet? Quem lhes põe comida na despensa? Quem lhes alimenta a esperança? Quem lhes mata a fome (e porque não a fome dos aplausos)? É urgente que ajudemos quem tantas e tantas vezes nos ajudou, fazendo-nos companhia, enganando a solidão, animando os nossos serões, ensinando-nos e educando-nos, transportando-nos para um mundo colorido e cheio de esperança quando os nossos sonhos se encontravam pincelados com o preto e branco do desânimo.

O mundo do espectáculo é um mundo soberbo, não apenas em glamour, mas em entrega, entreatajuda, dedicação e coragem. O nosso humorista, Bruno Nogueira, criou uma corrente de boa energia e de humor, um hino à amizade e à cumplicidade, um encontro virtual com pessoas boas e preocupadas, com emissões em directo no Instagram “Como é que o bicho mexe”. Como diz o humorista, “Juntar pessoas boas e com talento é ainda e cada vez mais o que me faz sentir a alegria dos dias bons.” São estas pessoas, boas e com talento, que precisam de nós para ultrapassarem, com dignidade, este terrível tempo de fome. Não esqueçamos, um país sem cultura é a morte da sobrevivência, é a pior das pandemias. O espectáculo tem de continuar!





PAPA FRANCISCO

17 DE MAIO 2020 - Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos, e as suas raízes humanas, dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. #LaudatoSi5

18 DE MAIO 2020 - Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades. #LaudatoSi5

19 DE MAIO 2020 - Quando nos damos conta do reflexo de Deus em tudo o que existe, o coração experimenta o desejo de adorar o Senhor por todas as suas criaturas e juntamente com elas. #LaudatoSi5

PANDEMIA

Organismo do Vaticano desaconselha pulverização ou fumigação de igrejas

O Conselho Pontifício da Cultura publicou um conjunto de orientações para a limpeza e desinfeção de espaços litúrgicos, desaconselhando a pulverização ou fumigação de igrejas.

O documento alerta para os “danos irreversíveis” que um mau uso de produtos desinfetantes pode provocar no património. Os alertas centram-se sobre produtos que geram resíduos prejudiciais, como a lixívia, amoníaco e detergentes, advertindo para o seu impacto sobre edifícios e objectos de culto.

A alternativa proposta é o uso de soluções hidroalcoólicas diluídas e de sabões neutros, de forma controlada e sob a supervisão de um técnico de bens culturais”.

O organismo do Vaticano pede que evite, sempre, “o contacto directo dos fiéis com os bens culturais”, para evitar contágios e a necessidade de aplicação de “soluções desinfetantes” nas obras. “O património cultural é um bem não-renovável, portanto, cada acção que possa afectar o seu estado de conservação deve ser adequadamente conhecida, avaliada, documentada e alvo de consenso com peritos”, pode ler-se.



NACIONAL

Banco Alimentar promove recolha de alimentos com vales e plataforma online

Os Bancos Alimentares Contra a Fome em Portugal vão realizar, entre os dias 21 e 31 de Maio, a primeira campanha de recolha de alimentos deste ano, através de vales nos supermercados e online, sem a tradicional ajuda de voluntários por causa da pandemia.

“Às pessoas mais vulneráveis que, em resultado das medidas decretadas para conter a propagação da pandemia, ficaram privadas da assistência alimentar que normalmente recebem, vieram juntar-se mais cerca de 60 000 pessoas, vítimas da situação gerada por esta nova realidade que vivemos”, explica a presidente da Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome.

Isabel Jonet afirma que “a ajuda não pode parar, muito menos agora quando é ainda mais preciso”.

Com o lema ‘Ajudar a preencher o vazio’, vai ser possível apoiar a primeira

campanha dos Bancos Alimentares Contra a Fome em Portugal deste ano através da ‘Ajuda Vale’, onde podem escolher produtos nas caixas dos supermercados, e no sítio online de doação – alimentestaideia.pt – entre 21 e 31 de Maio. Estas formas de ajudar já eram uma realidade em anos anteriores, para além da presença dos voluntários, mas ganham agora nova relevância.

“Quando não temos as pessoas nos supermercados temos de ser inovadores: vamos ter vales e vamos ter comunicação transformando cada pessoa que vai à loja num voluntário”, assinalou Isabel Jonet, em declarações à Agência Ecclesia.

A campanha do mês de Maio quer “sensibilizar os portugueses” para que “preenchem o vazio das muitas famílias” que são afectadas por um cenário de “carência alimentar todos os dias” e vêem agora essa situação ser “agravada”.

Os 21 bancos alimentares em actividade em Portugal distribuíram, em 2019, 23.382 toneladas de alimentos – com o valor estimado de 31,7 milhões de euros –, num movimento médio de 93,5 toneladas por dia útil, assistindo 2400 instituições.

Este ano, disse a presidente dos Bancos Alimentares Contra a Fome, “há muitos mais pedidos de apoio” por causa da pandemia, contabilizando-se “à volta de 59 mil pessoas” a somarem-se as 380 mil que já eram ajudadas.

“Neste momento temos uma pobreza conjuntural muito severa de pessoas que não sabiam o que era estar em pobreza. E são pessoas que tinham profissões liberais, eram feirantes, ou tinham um táxi, que nunca viveram em pobreza e não sabem lidar com essa situação”, explicou Isabel Jonet, na última semana, depois de ser recebida pelo Presidente da República em Belém.

NAO DEIXE ESTE PRATO VAZIO

SEJA VOCÊ O VOLUNTÁRIO

PEÇA O SEU VALE NA CAIXA

UM CABAZ QUE NÃO PESA, MAS VALE.

ENTREVISTA

“CADA HISTÓRIA É IRREPETÍVEL, É ÚNICA”

JOÃO PEDRO QUESADO (TEXTO)

MANUEL PINTO É PROFESSOR CATEDRÁTICO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO MINHO, ONDE ENSINA NAS ÁREAS DE ESTUDOS JORNALÍSTICOS E LITERACIA PARA OS MEDIA. AO IGREJA VIVA EXPLICOU A SUA LEITURA DA MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, QUE SE CELEBRA NESTE DOMINGO, 24 DE MAIO.

[Igreja Viva] A mensagem do Papa Francisco para este Dia Mundial das Comunicações Sociais alerta para o perigo das narrativas “falsas e depravadas”. Olhando para o jornalismo como a forma de comunicação mais relevante para a sociedade até pelo papel que tem, como é que se combatem estas narrativas?

[Manuel Pinto] Esse é um desafio enorme. É evidente que nós estamos hoje num cenário que não é rigorosamente novo, mas que tem apresentado, em escala e em complexidade, problemas que são completamente novos, sobretudo num quadro em que nós temos uma multiplicidade de fontes de informação, de fontes de conteúdos, uns validados por quem se compromete por algum código de normas e de ética, outros que são resultado das boas e das más vontades individuais ou de grupos ou de poderes. Eu creio, portanto, que aqui se põe um grande desafio de aprender a discernir, a avaliar, a distinguir, a procurar compreender a validade das fontes, a credibilidade dessas fontes... São, hoje, desafios novos que nós precisamos de

desenvolver desde cedo e que, por exemplo, o actual contexto de pandemia tem permitido agravar de uma forma muito significativa e preocupante. Como é óbvio, nesta matéria da saúde, nós podemos morrer da má informação. Pode haver decisões, pode haver comportamentos, pode haver atitudes perante os fenómenos que nos metem em situações de perigo e isso, claro, precisa de ser combatido.

[Igreja Viva] O processo de verificação de informação é algo que faz parte da formação dos jornalistas. Porque é que isso tantas vezes não é feito na realidade?

[Manuel Pinto] Há aqui dois planos. Há o plano de quem produz a informação – e estou a pensar em particular nos jornalistas, nos comunicadores e outros profissionais da informação, porque hoje o fenómeno informativo é muitíssimo mais vasto que o de jornalismo, mais do que no passado. A esse nível, nós precisamos de facto de cuidar da formação e de criar mecanismos de apoio e de incentivo a quem cumpre aquilo que

é esperado de um profissional com ética. Depois há um outro plano, que é um plano dos utilizadores de informação que hoje também podem ser produtores de informação, e isso é que também coloca problemas porque o facto de se poder, também, ser produtor de informação é um bem, é uma possibilidade interessante, mas, uma vez dominada a tecnologia, naturalmente nós podemos ter conteúdos de muita natureza e nomeadamente conteúdos que são falsos, que são meias verdades, que são verdades interessadas, parciais e é aí que eu creio que uma formação generalizada das pessoas nas instituições, desde logo na família mas também na escola e em outras instituições de formação, que alerte e que capacite as pessoas para fazer frente a esses desafios novos. Eu creio que isso é hoje crucial e já não é a primeira vez que o Papa fala destes problemas mas, naturalmente, ele tinha que aparecer num quadro destes, porque a forma talvez mais eficaz de hoje fazer passar as mentiras é hoje através de histórias, de narrativas. Somos nós próprios que difundimos, sob o pretexto do que é interessante, sob o pretexto de que quem me segue vai apreciar, vai gostar ou até partilhar, e aí nós estamos a alimentar este sistema da mentira e da falsidade.

[Igreja Viva] Uma notícia pode ser entendida como algo que interrompe a normalidade. As notícias são maioritariamente más ou esse é ape-

nas um erro de percepção?

[Manuel Pinto] Tenho dificuldade em entender a categoria das notícias boas ou más. Nós, até do que se podia chamar, ou que é, muitas vezes, objectivamente, o mau, conhecermos esse mal não tem que implicar necessariamente segui-lo. Pode ser justamente para recusar as formas que ele assume nos tempos que nós vivemos. Portanto, o que eu creio que faz falta é que nós saibamos discernir, tenhamos critérios para escolher, de alguma forma, aquilo que faz sentido, que ajuda a construir o sentido da vida ou aquilo que, de alguma forma, perturba, destrói e afunda as pessoas e as suas vidas. É natural que haja uma certa apetência por fenómenos bizarros, que perturbam de alguma as rotinas e o dia-a-dia. Estou a pensar neste caso recente da criança que foi assassinada e como se pode pegar nisto. Este é um caso que coloca muito em questão relações fami-

liares, modos de viver, comportamentos. Agora, do ponto de vista dos meios de comunicação, é possível esmiuçar o caso e investir no pormenor, puxar por aspectos que são secundários e deixar de lado o fundo da questão que é, por exemplo, as responsabilidades de cada um, os direitos das crianças, como é que nós salvaguardamos estes direitos muitas vezes até no próprio quadro familiar, os vizinhos, a solidariedade... perceber qual é o nosso papel perante isto. Este tipo de responsabilização colectiva a partir dos casos... Eu creio que falhamos um pouco aí enquanto profissionais e também porque isso corresponde a uma certa lógica sensacionalista que nós sabemos que faz vender mas que, naturalmente, alimenta e agrava essa tendência que nós estamos a saciar com esse tipo de conteúdos.

[Igreja Viva] O Papa aponta a história de Cristo como uma





Quando nós valorizamos apenas um certo tipo de histórias, isso corresponde a pôr em cena apenas determinado tipo de valores em detrimento de outros. Porque não valorizamos todas as histórias.

história “sempre actual”. O que é que faz uma história ser sempre actual?

[Manuel Pinto] Eu creio que é a sua capacidade de tocar em dimensões que são inerentes à vida humana e à vida em sociedade. Que toca em valores ou horizontes que a humanidade em geral e a humanidade no sentido de cada indivíduo não pode perder de vista. Estou a pensar, por exemplo, nas fábulas de La Fontaine, ou no Príncipezinho de Saint-Exupéry e, naturalmente, a própria história de Cristo que é, digamos assim, um exemplo extremamente curioso e interessante porque ela é significativa não apenas para os cristãos. Ela tornou-se de tal maneira forte porque quem a conta, quem é o narrador, é também aquele que sofre, aquele que a vive. Conta a história, vivendo-a. Eu creio que esta é uma forma suprema, quase, de contar uma história, é contá-la vivendo-a, dando-lhe vida.

[Igreja Viva] Se o jornalismo estiver mais em contacto com as pessoas e as suas preocupações diárias, pode tornar-se “sempre actual”?

[Manuel Pinto] Pode e eu acho que deve. Há histórias em todo o lado, em todos os sectores da sociedade, independentemente da importância que a sociedade tende a dar a uns sectores relativamente a outros. Recordo-me de um projecto que houve na Universidade do Minho há alguns anos atrás à volta de uma ideia que eu acho genial, que era constituir um museu da pessoa. Não é pôr pessoas num museu, é pegar nas histórias de vida de pessoas comuns – ou seja, que não têm nada que as distinga a não ser a sua humanidade, a sua trajectória de vida – e registar essas histórias de vida. Porque cada história é irrepitível, é única. Desse ponto de vista, se é única, é tão importante como qualquer outra, e o jornalismo poderia valorizar muitas dessas histórias. É evidente que é impossível e inviável querer contar as histórias de todas as pessoas. Mas, a título exemplificativo, alargar o leque das histórias que o jornalismo conta é um desafio extraordinariamente importante. Estamos a viver esta pandemia e esta experiência de um contacto com a doença e a morte e nós temos visto uma série de jornais por todo o mundo que têm feito capas

com as histórias dos mortos, resgatando quem são as pessoas que estão por detrás dos números. Que vidas, que sonhos, que histórias para além da doença que levou à morte. Há todo um silêncio que é muito ruidoso e que nós precisávamos de combater e de atenuar, ouvindo quem normalmente não é valorizado como fonte de história. Uma frase que eu sublinho na mensagem é que “ninguém é mero figurante na história do mundo”, assim como que “nenhuma história humana é pequena ou insignificante”. Quando nós valorizamos apenas um certo tipo de histórias, isso corresponde a pôr em cena apenas determinado tipo de valores em detrimento de outros. Porque não valorizamos todas as histórias, valorizamos apenas algumas em função da categoria da pessoa, em função da bolsa da pessoa, em função do que veste, dos meios que ela frequenta, como se isso fizesse a história da pessoa.

[Igreja Viva] Esta concentração do tipo de histórias que vemos no jornalismo resulta da concentração das redacções nos centros urbanos?

[Manuel Pinto] O mesmo que acontece aqui acontece à escala mundial. Há países que não existem nas notícias e há países que parece que foram fadados para serem notícia, e outros são fadados para serem notícia quando as coisas correr mal. Eu acho que nós precisamos de descobrir, também por esse critério, que o mundo é maior que o nosso umbigo, do que o sítio onde nós estamos. Isto é recíproco, porque os meios estão onde consideram que há mais fontes de notícia, naturalmente, porque se não saíam daí. Depois o problema é quais são as consequências desta proximidade entre as fontes e os jornalistas, porque constrói-se um mundo pequeno e que corre o risco de estar longe deste mundo mais vasto que não é só entre a cidade, entre os grandes centros e o resto do país. Muitas vezes, dentro dos próprios grandes centros, apenas se olha para certas realidades e esquecem-se completamente as outras. Nós temos que ter em conta que a realidade é múltipla, é multiforme e um jornalismo que queira, de facto, contar as histórias dessa diversidade, tem que sair, tem que ir ao encontro e tem que escutar.

Não pode estar à espera que as coisas venham ao encontro dele, que as notícias venham ter com ele porque isso corresponde às notícias de quem tem poder para as fazer chegar.

[Igreja Viva] No fundo, é sair do jornalismo de agenda e fazer a própria agenda?

[Manuel Pinto] Com essa preocupação de ouvir também quem, normalmente, não costuma ser ouvido.

[Igreja Viva] De que forma é que esta mensagem se integra com as restantes mensagens do Dia Mundial das Comunicações Sociais escritas pelo Papa Francisco?

[Manuel Pinto] Tenho vindo a acompanhar as mensagens do Papa e o que vejo é que ele está, ano a ano, a elaborar uma teoria da comunicação que, naquilo que é típico deste Papa, não é uma teoria, é uma prática da comunicação. Porque ele faz aquilo que diz, não é dos que fala e não faz. E essa comunicação é uma comunicação da proximidade, de ir ao encontro e escutar os outros. Não é propriamente uma teoria no sentido académico, é uma teoria no sentido de uma maneira de ver a comunicação que passa por um testemunho de vida. Nesse sentido é que eu vejo uma grande ligação e uma grande importância na mensagem deste ano. Porque a narrativa, o contar uma história, é uma linguagem muito mais facilmente captável porque ela transmite a vida, transmite actos de vida e, normalmente, a história tem uma dinâmica, tem uma acção, tem um enredo, tem personagens – nem todos são heróis, naturalmente – que são peças, sujeitos importantes que contribuem para mudar um estado de coisas. Normalmente uma história é uma mudança de uma situação inicial para uma situação final. Isto é um bocadinho o retrato da vida, o mostrar, através de enfrentar dificuldades, que é possível as coisas não serem como são. A história é uma categoria antropológica absolutamente fundamental e fundadora da Humanidade. Aliás, isso aparece na mensagem. O ser humano é, por natureza, um contador de histórias. Faz-se de histórias e tem por sonho e por destino, também, vir a ser um narrador de si próprio através do testemunho que dá.

“A paz esteja convosco”

PENTECOSTES PÁSCOA

ITINERÁRIO

No corolário do Tempo Pascal, continuará junto ao relógio o Círio Pascal. O último símbolo a acrescentar nesta caminhada será uma pomba.

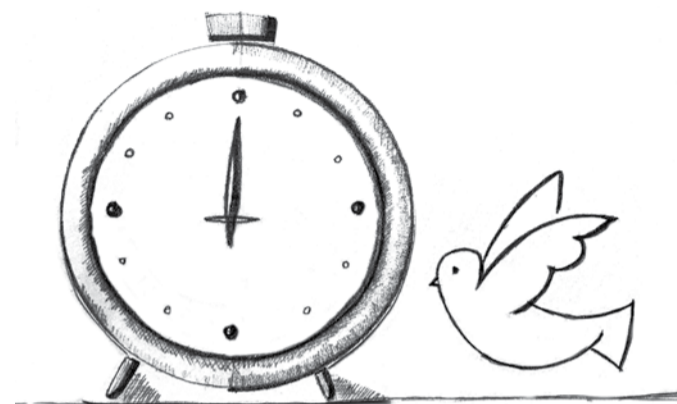


ILUSTRAÇÃO DA ARC. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA | Actos 2, 1-11

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Quando chegou o dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente, fez-se ouvir, vindo do Céu, um rumor semelhante a forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem. Residiam em Jerusalém judeus piedosos, procedentes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou muito admirada, pois cada qual os ouvia falar na sua própria língua. Atónitos e maravilhados, diziam: “Não são todos galileus os que estão a falar? Então, como é que os ouve cada um de nós falar na sua própria língua? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia, vizinha de Cirene, colonos de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, ouvimos-os proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus”.

Salmo responsorial

Salmo 103 (104), 1ab e 24ac.29bc-30.31.34 (R. 30)

Refrão: Enviai, Senhor, o vosso Espírito e renovai a face da terra.

LEITURA II 1 Cor 12, 3b-7.12-13

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor” a não ser pela acção do Espírito Santo. De facto, há diversidade de dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum. Assim como o corpo é um só e tem muitos membros e todos os membros, apesar de numerosos, constituem um só corpo, assim também sucede com Cristo. Na verdade, todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos baptizados num só Espírito, para constituirmos um só Corpo. E a todos nos foi dado a beber um único Espírito.

EVANGELHO Jo 20, 19-23

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: “A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”. Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos”.

REFLEXÃO

Chegamos ao entardecer do primeiro dia, o primeiro e último dia de Páscoa.

Cinquenta dias: eis a plenitude! O Ressuscitado cumpre a promessa: “Recebei o Espírito Santo”. Ninguém lhe pode ficar indiferente!

“A paz esteja convosco”

A saudação repete-se uma e outra vez: “A paz esteja convosco”. É mais do que saudação. É um fruto do Espírito Santo. A paz é a serenidade interior, é o contrário do medo. A paz é a marca que identifica os discípulos habitados pelo Espírito Santo. Se o medo era expresso em portas fechadas, a paz supõe a abertura ao mundo. Hoje, também nos há de tornar fortes perante tudo o que nos assusta e causa angústia. O medo e as portas fechadas deram lugar à coragem e portas abertas para anunciar a Boa Nova a todas as pessoas. A efusão do Espírito Santo dá continuidade à missão do Mestre: “Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”. Somos enviados!

“Recebei o Espírito Santo”

Jesus Cristo volta a soprar sobre os discípulos, como Deus tinha insuflado o alento de vida na simbologia do (primeiro) ato criador. É a nova criação: “Recebei o Espírito Santo”. Os primeiros discípulos, cheios do Espírito, venceram o medo, partiram corajosos a proclamar a alegria do Evangelho. Hoje, “significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade” (Papa Francisco).

A janela da criatividade

A última janela pascal é a da criatividade. Não em perspectiva cronológica, mas a plena, a que confere todo o sentido à nossa vida. Talvez, por isso, possamos dizer que este dia é uma dupla celebração: encerra o tempo pascal e inaugura o tempo espiritual.

A ressurreição de Jesus Cristo inaugura um novo dinamismo: passamos a viver o tempo do Espírito Santo, que nos acompanha até ao final dos tempos. Por outras palavras, o dom do Espírito Santo aponta para a nossa vida, a nossa actividade como discípulos missionários de Jesus Cristo.

O Espírito Santo, à luz da vida de Jesus Cristo, ajuda-nos a ser criativos diante de todos os nossos acontecimentos, tanto os positivos, como os negativos, as alegrias e as esperanças, também as tristezas e angústias. A criatividade faz de nós homens e mulheres ressuscitados! Paolo Giordano, no ensaio *Frente ao contágio*, lembra a importância de ser criativos neste ‘tempo de anomalia’. Há um aspeto em que os vírus são “mais hábeis do que nós: sabem mudar rapidamente, adaptar-se. Convém-nos aprender com eles”. Como naquele primeiro tempo, também hoje nada fica igual. Os discípulos iniciaram um novo itinerário, puseram em marcha um caminho de Páscoa, que chegou até nós. Vamos despertar a criatividade, aprender a viver este tempo com esperança. Sem medo! Continuo a sentir esta força renovadora, agora que termina a Páscoa?

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do Domingo de Pentecostes (*Missal Romano*, 389-390)

Prefácio: Prefácio próprio do Domingo de Pentecostes (*Missal Romano*, 390)

Oração Eucarística: Oração Eucarística III (*Missal Romano*, 529ss)



VIVER NA ESPERANÇA

Nesta semana, a minha missão é deixar que as portas da minha vida se abram, e levar a paz e a reconciliação a uma relação entre pessoas desavindas (ou mesmo reconciliar-me com alguém com quem deixei de me relacionar).



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** *O Espírito do Senhor* – M. Simões
- **Preparação Penitencial:** *Fórmula C* – F. Silva
- **Glória:** *Glória a Deus nas alturas* – Az. Oliveira
- **Sequência:** *Vinde, ó Santo Espírito* – M. Faria
- **Apresentação dos dons:** *Vinde, Espírito Divino* – M. Borda
- **Comunhão:** *Todos foram cheios do Espírito Santo* – Sousa Marques
- **Pós-Comunhão:** *Abri os corações* – Joaquim Santos
- **Final:** *Gloriosa Mãe de Deus* – M. Carneiro

Semear esperança

Acólitos

O exercício dos diferentes ministérios manifesta a diversidade dos dons de Deus, mas também a unidade na finalidade comum: a glorificação de Deus e a salvação das pessoas. O Espírito Santo é Aquele que nos diferencia e Aquele que nos une. Vivo o meu ministério na abertura a esta ação da luz do Espírito Santo em mim, deixando que ela irradie no meu serviço?

Leitores

O leitor quando proclama a Palavra tem de ser o primeiro ouvinte dela. Um dos frutos primordiais do Espírito Santo é o desencadeamento da Palavra e a sua tradução em todas as línguas da terra, para que a sua mensagem seja bem entendida por todos. Tenho consciência de que, quando proclamo a Palavra de Deus, a estou a traduzir em palavras que devem ser bem compreendidas por cada ouvinte? Por isso, não deixarei de preparar bem cada leitura, atender às palavras difíceis e respeitar a pontuação.

Ministros Extraordinários da Comunhão

Um dos frutos do Espírito Santo é a paz. Por isso, à saudação da paz do Ressuscitado se segue a oferta da reconciliação. Quando visito os doentes para lhes levar a comunhão, sinto que sou também embaixador da paz e da reconciliação do Ressuscitado, sendo portador de alegria, paciência, amabilidade, bondade e amor?

Celebrar com esperança

Dinâmica Quaresma-Páscoa

Na saudação inicial, pode usar-se o seguinte texto como *admonição*, seguindo-se a colocação do símbolo ao pé do relógio: *pomba*.

A pomba é uma ave habitualmente associada à simplicidade, à pureza e ao amor. Na Bíblia aparece ainda como símbolo do Espírito Santo. Ela é sinal do amor de Deus pelo seu povo, povo este que procura viver na fidelidade à aliança que Deus estabelece com ele, e que é consagrado para uma missão: ide e ensinai, fazei discípulos (cf. Herculano Alves, *Símbolos na Bíblia*, 409ss).

Sequência de Pentecostes

Valorize-se o canto da Sequência de Pentecostes, pausadamente antes da aclamação ao Evangelho.

Homilia

Com a celebração da Festa de Pentecostes, concluímos o Tempo Pascal, como plenificação do Mistério Pascal. A Igreja recebe o dom do Espírito Santo que dá vida, recria, transforma, capacita os discípulos para vencerem os obstáculos, constrói uma comunidade nova onde se vive a comunhão, faz nascer o Homem novo.

A ação do Espírito de Deus em nós deve gerar a alegria. O Evangelho é fonte de alegria. Os discípulos não podem deixar de ser evangelizadores desta alegria de Deus para a um mundo povoado de sombras e de nuvens, neste tempo de pandemia, sedento de paz e alegria da Páscoa.

Que o Espírito Santo, nos seus sete dons – sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus – ilumine os nossos passos, o nosso agir e as nossas escolhas; purifique os nossos pecados e nos dê a coragem e a alegria de nos tornarmos verdadeiros discípulos missionários de Cristo.

Oração Universal

Caríssimos cristãos: neste dia santíssimo em que terminam as festas pascais, oremos a Deus Pai todo-poderoso, para que o dom do Espírito Santo renove toda a Igreja, cantando, com alegria:

R. Ouvi-nos, Senhor.

1. Pela Igreja, presente em toda a terra, para que proclame as maravilhas do amor de Deus em todas as línguas e culturas do universo, oremos.

2. Pelo Papa Francisco, sucessor de Pedro, pelos bispos, por todos os párocos e suas comunidades, para que sintam o ardor e a sabedoria que lhes é concedida pelo Espírito Santo, particularmente nestes tempos difíceis de pandemia, oremos.

3. Por todos aqueles que invocam a Deus como Pai e receberam em seus corações o dom do Espírito Santo, para que sejam testemunhas vivas do Evangelho, oremos.

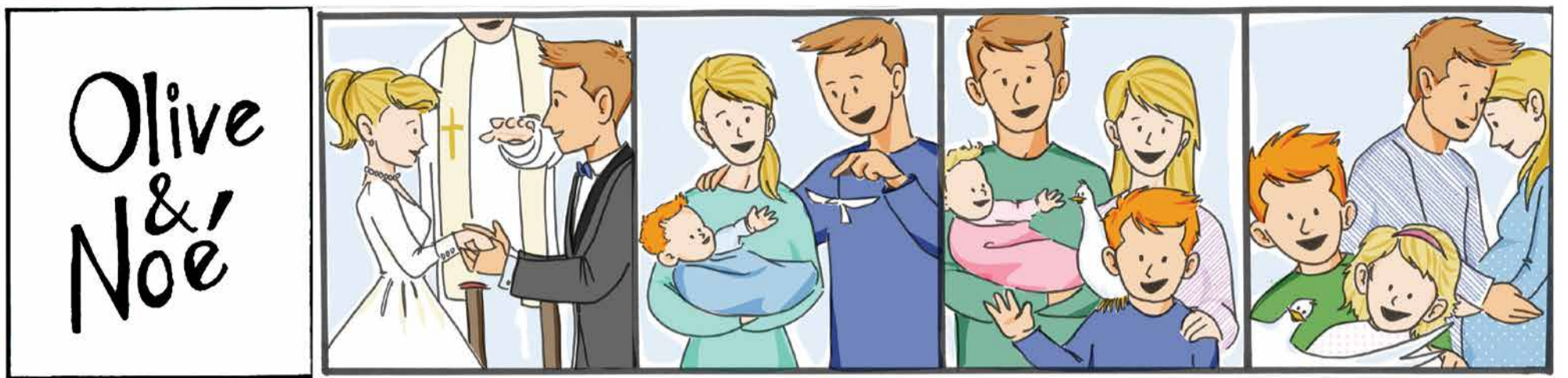
A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“A paz esteja convosco”

PENTECOSTES PÁScoa
ANO A · 2020



LABORATORIODAFE



FORMAÇÃO SOBRE TRANSMISSÕES ONLINE É ESTE SÁBADO



A Arquidiocese de Braga e o Laboratório da Fé vão realizar este sábado, dia 23 de Maio, uma formação online para ajudar a realizar transmissões em directo e “desmistificar um pouco o que é trabalhar no digital e o que é produzir conteúdo”. A inscrição na

formação é gratuita. Pode encontrar o formulário no site da Arquidiocese. Com a intenção de “inspirar e ajudar cada vez mais pessoas a gerarem conteúdo evangelizador”, será também publicado em breve um guia para ajudar na realização das transmis-

sões em directo. Júlia Duro, que colabora com o Laboratório da Fé, explicou que a ideia “já tem algum tempo, eu e o meu marido já temos essa ideia desde que começamos a colaborar com o Laboratório da Fé, a intenção de passar os conhecimentos para que cada vez exista mais conteúdo evangelizador digital”. Mesmo com o regresso às celebrações comunitárias, Júlia relembra uma “provocação” do Papa Francisco acerca de “termos ilusão de sermos saudáveis num mundo doente” para salientar a importância de não continuar “offline num mundo completamente online”.

“Podemos, nas nossas paróquias, movimentos e grupos, pensar em formar uma pequena equipa para promover a evangelização digital, com planos para continuar a levar a mensagem de Cristo às casas das pessoas”, explicou Júlia Duro.

VIGÍLIA DE PENTECOSTES TEM LUGAR NO DIA 30

Tem lugar no sábado, dia 30 de Maio, a vigília de Pentecostes. O momento de oração vai ser transmitido em directo a partir da Basílica dos Congregados para o Facebook e YouTube da Arquidiocese de Braga e do Diário do Minho.

A vigília é parte de uma actividade geral sob o mote “Todos no mesmo barco”.

Após a Noite UP’S, às 21 horas do dia 29 de Maio, este “acontecimento em dois momentos” no fim-de-semana de Pentecostes continua com a vigília dirigida “a todos”.

A vigília vai ser marcada por três diferentes momentos. Primeiro, será transmitida uma compilação de breves vídeos em que vários movimentos respondem à pergunta “O que

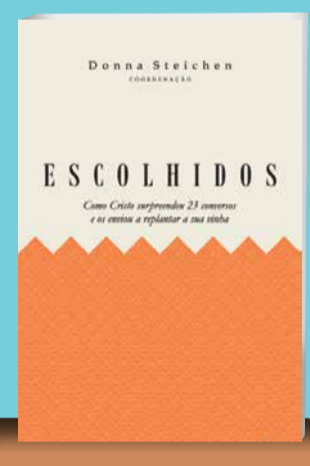
tem o vosso grupo ou movimento a oferecer à Igreja nesta hora difícil que estamos a viver”.

O segundo momento consiste numa conversa com o arcebispo D. Jorge Ortiga a partir de questões que também os movimentos enviaram. Já o terceiro momento é uma celebração da Palavra, um momento de oração também presidido pelo arcebispo.

Na Noite UP’S, o programa inicia às 21 horas com “Canta e dança conosco”, seguindo-se uma eucaristia presidida por D. Jorge Ortiga às 21h30, um conversa com um convidado às 22h30, um concerto de oração às 23h e “Entra em directo!” às 23h30. No final, a dinâmica tem o tema “Queremos estar contigo!”.



ESCOLHIDOS DONNA STEICHEN



As conversões que tiveram lugar no meio da crise do período pós-Vaticano II apresentam-se como particularmente puras e, em muitos casos, divertidamente improváveis, constituindo um testemunho da verdade central que muitos pastores de Cristo esqueceram nesse período: a de que a Igreja não é uma instituição feita pelos homens, mas uma instituição divina – um repositório perpétuo de verdade e graça tão poderoso que nem a noite do escândalo consegue ofuscá-lo.

Compre online em www.livrariadm.pt

